

CAPÍTULO 1

O problema da vida

“Por essa causa também sofro, mas não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou bem certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia”

(2Timóteo 1.12).

Sermão dominical vespertino

12 de abril de 1964

Inicialmente, eu destaco este versículo em particular; porém, vocês perceberão, caso leiam o restante do capítulo, que ele é parte de uma afirmação mais ampla. Há, por essa razão, um sentido em que é ridículo retirar um versículo do contexto e pano de fundo. Ainda assim, eu o fiz porque servirá para nós, talvez, melhor que tudo, como um tipo de introdução a todo o tema tratado pelo grande apóstolo neste capítulo. Aqui, neste versículo específico, Paulo faz uma das grandes afirmações comoventes — tão características dele e de seus textos — uma das afirmações profundas e naturais em que ele coloca diante de nós os princípios básicos mais importantes da fé cristã e do seu significado para quem crê de forma verdadeira nela.

Chamo a atenção de vocês para a afirmação e todo argumento envolvido nela, pois, para mim, parece de tamanha importância no exato momento em que vivemos. Vocês percebem que o grande problema levantado aqui é o problema de como viver, como viver de maneira vitoriosa, como enfrentar a vida com todas as suas incertezas e problemas presentes e ainda triunfar e prevalecer; em outras palavras, como viver e controlar a vida em vez de ser controlado por ela. No entanto, o apóstolo é incapaz de levar em consideração o tema vital, ou, na verdade, qualquer outro tema, sem introduzir a totalidade do evangelho. As duas coisas, inevitável e invariavelmente, caminham juntas como tentarei lhes mostrar. Logo, as duas ideias principais aqui são: como controlar a vida e a verdadeira natureza do evangelho.

Ora, o teste de qualquer ensino ou filosofia com respeito à vida, em última análise, funciona? Ele os ajuda? Faz realmente diferença? Todos nós podemos filosofar, todos nós podemos expressar nossas opiniões e fazer afirmações, mas, afinal, o teste do valor de todas essas afirmações consiste em: Elas são verdadeiras? Fazem o que afirmamos a seu respeito? Elas são, de fato, o que precisamos? Pois bem, o mundo hoje está cheio de todos os tipos de ensinos, teorias e ideias, porém, a pergunta é: Tudo isso funciona? E, em especial, ajudam quando vocês os testam nas possíveis eventualidades?

A afirmação que fazemos para o evangelho cristão é que ele funciona: não se trata de mera teoria, mas de algo que realmente faz o que afirma; ele permite ao homem viver em sentido real no mundo. Eis a afirmação que fazemos sobre

o evangelho; porém, vamos ainda mais fundo e dizemos que ele, e só ele, faz isso.

Ora, por vezes, isso é considerado arrogante pelas pessoas, mas não é, pois, sendo verdade, não pode ser arrogante. Além disso, afirmo ser verdade e tentarei demonstrá-la. O evangelho declara sua singularidade. Ele não se coloca em uma série com outros ensinamentos ou outras religiões. Afirma sua absoluta singularidade, inteiramente por si mesmo. Essa é a grande declaração feita no decorrer da Bíblia, no Antigo e no Novo Testamentos; quando a igreja cristã para de fazer tal afirmação, ela também pode fracassar e deixa de se chamar cristã, porquanto não haverá nada de singular. A afirmação que fazemos é a que o apóstolo Pedro fez às autoridades logo no começo da igreja: “... pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (Atos 4.12). Há só um salvador, há só uma salvação, há só um ensino que realmente permite com que nós lidemos com todas as possíveis eventualidades na vida e no mundo.

Essa, então, é a afirmação, e Paulo a coloca aqui na forma de sua própria experiência, o que lhe transmite uma espécie de valor adicional. Ele escreveu a seu jovem discípulo, Timóteo, porque Timóteo se sentia um tanto depressivo e infeliz. O apóstolo não escreveu apenas por escrever, mas por saber da condição de Timóteo nesse momento. Timóteo, por natureza e temperamento, era obviamente um homem que se desencorajava com facilidade e ficava deprimido com facilidade. Existem pessoas assim. Não somos todos iguais; nascemos diferentes e temos de reconhecer isso. O evangelho cristão o faz — ele reconhece

que somos diferentes por natureza, e Timóteo, que claramente era depressivo, se é que vocês desejam uma descrição, estava, em particular, preocupado com o fato de o grande apóstolo ser um prisioneiro. É muito importante que nós também estejamos cientes disso. Vocês podem ler grandes afirmações como essa e dizer: “Ah, está tudo bem, eu leio afirmações como essa na literatura, vejo poetas fazendo afirmações notáveis de vez em quando”. Contudo, os poetas nem sempre falam assim; há momentos em que não podem agir assim. O poeta tem de estar com um humor em particular, ou em determinadas circunstâncias, e ele, de certa forma, depende do próprio humor, sentimentos e circunstâncias; porém, o cristão não é. Aqui está o apóstolo nas piores condições possíveis: ele está na prisão, não sabe quando pode ser morto, tudo está contra si e, ainda assim, eis como ele escreve; apesar de todas essas coisas, faz a ressonante afirmação: “... mas não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou bem certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia” [2Timóteo 1.12]. Há esse tremendo tom de triunfo, um tom de superação, apesar das terríveis circunstâncias.

Ora, o apóstolo coloca isso diante de nós de maneira bem característica, e preciso chamar a atenção para a forma como ele faz. Para mim, é uma fonte crescente de alegria e inspiração o fato de ele falar dessa maneira. “Fui constituído pregador”, diz ele, “apóstolo e mestre dos gentios. Por essa causa” — porque eu sou isso — “também sofro” [2Timóteo 1.11]. “Eu estou na prisão”, ele diz, “simplesmente porque eu sou pregador. Se não estivesse pregando o evangelho, eu não estaria aqui, se ainda fosse fariseu, eu também não